



## DESCENTRALIZAÇÃO, SHOPPING CENTER E CINEMA: UM ESTUDO DE CASO NA GRANDE VITÓRIA (ES)

Caio Coutinho Cola <sup>1</sup>  
Luis Carlos Tosta dos Reis <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho aborda a relação vigente entre o processo de descentralização, *shopping centers* e os cinemas na organização da moderna cidade capitalista, problematizando-a através de um estudo de caso na Grande Vitória (ES). O trabalho lança mão do debate teórico da pesquisa urbana sobre o assunto na Geografia, a partir do qual pretende contribuir para o entendimento do modo específico com o qual ele se verifica na Grande Vitória. A análise permitiu evidenciar que a lógica da distribuição espacial dos cinemas revela, de modo contundente, a transição entre um estágio no qual a centralidade intraurbana era debitária da primazia do núcleo da Área Central no ápice da hierarquia urbana, para um estágio no qual a intensificação da descentralização subverte essa hierarquia, estabelecendo um novo perfil de estruturação interna da metrópole-policêntrica contemporânea.

**Palavras-chave:** Descentralização, *Shopping Center*, Cinemas, Grande Vitória (ES).

### ABSTRACT

This paper discusses the relation between the decentralization process, shopping centers and movie theaters in the organization of the modern capitalist city, problematizing it through a case study in Grande Vitória (ES). The work makes use of the theoretical debate of urban research on the subject in Geography, from which it intends to contribute to the understanding of the specific way in which it is verified in Grande Vitória. The analysis made it possible to evident that the logic of the spatial distribution of movie theaters reveals, in a striking way, the transition between a stage in which intra-urban centrality was debited from the primacy of the core of the Central Area at the apex of the urban hierarchy, to a stage in which the intensification of decentralization subverts this hierarchy, establishing a new profile of internal structuring of the contemporary polycentric metropolis.

**Keywords:** *Decentralization, Shopping Center, Movie theaters, Grande Vitória (ES).*

### INTRODUÇÃO

O trabalho considera a temática da descentralização na Grande Vitória (ES) focalizando, mais especificamente, a relação entre os *shopping centers* e a lógica de

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, caiocoutinho.col@gmail.com;

<sup>2</sup> Doutor pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, lctosta.reis@gmail.com.



distribuição dos cinemas<sup>3</sup> desde meados da década de 1980 até o presente. Não obstante a descentralização já tenha sido tratada através de pesquisas nesta cidade sob diferentes perspectivas de problematização (REIS, 2007; 2009) e, além disso, o mesmo tenha ocorrido no que diz respeito aos estabelecimentos cinematográficos (WINGLER, 2020), não houve uma pesquisa mais sistemática que se dedicasse a problematizar o significado da descentralização através de sua relação direta com os *shopping centers* e os cinemas nesta cidade.

Nesse sentido, a realização de uma pesquisa nos termos propostos se justifica na medida em que permitirá ampliar o entendimento desses elementos que, analisados em sua mútua relação, desempenham papel importante na dinâmica de estruturação interna da Grande Vitória (ES). O objetivo do presente trabalho consiste, nesse sentido, em fornecer uma contribuição sobre o entendimento da temática a partir do estudo de caso da referida cidade.

Como será evidenciado a descentralização constitui um processo espacial intrínseco à dinâmica da organização interna da moderna cidade capitalista, tendo se manifestado de forma saliente desde o primeiro quartel do século XX. O *shopping center*, por sua vez, constitui um elemento que, via de regra – embora não exclusivamente – está fortemente associado à dinâmica da descentralização no espaço intraurbano. Na medida em que um atributo característico dos *shopping centers* é a alocação, em seu interior, de complexos de salas cinematográficas, torna-se patente a razão pela qual a correlação entre *descentralização*, *shopping centers* e *cinemas* pode ser destacada como uma problemática cara à inteligibilidade da produção do espaço urbano contemporâneo.

Como poderá ser constatado, no caso da Grande Vitória, a Área Central manifestou uma primazia incontestável até o início da década de 1990. Essa primazia revelava-se, então, de maneira saliente quando se considerava a lógica da distribuição dos cinemas, na medida em que, no período entre meados da década de 1980 e os primeiros anos da década de 1990, a

---

<sup>3</sup> No presente trabalho o conceito de descentralização refere-se ao processo espacial estritamente referido às atividades de comércio e serviços varejistas na escala intraurbana e, por conseguinte, ao aporte teórico e conceptualidade correlata (CORRÊA, 1989). Os cinemas, nesse sentido, são aqui considerados como uma atividade específica da totalidade que compõe a “geografia comercial” da organização interna da cidade moderna, sendo precipuamente problematizados enquanto *estabelecimentos* cinematográficos (ou seja, uma unidade econômica) que oferecem ao cidadão a experiência do consumo e lazer cinematográficos. Por fim, como será observado, optou-se pelo uso da expressão “Grande Vitória” para designar a área de estudo, que constitui um recorte espacial restrito da atual *Região Metropolitana da Grande Vitória*, na medida em que o cerne da problemática estudada (no que diz respeito à dinâmica espaço-temporal) permite considerar, sem prejuízo à inteligibilidade do assunto, um escopo analítico mais limitado, que envolve, além da capital, os municípios de Vila Velha, Serra e Cariacica.



Área Central concentrava, de modo contundente, os estabelecimentos cinematográficos da então aglomeração urbana da Grande Vitória. Contudo, a partir de 1993, com a inauguração do primeiro *shopping* de grande porte da cidade, o *Shopping Vitória*, alocado na “zona norte” da capital, mais especificamente no bairro da Enseada do Suá<sup>4</sup>, a primazia da Área Central assistiu um anúncio, ainda discreto, dos efeitos que o processo de descentralização viria exercer, nas décadas subsequentes, na reestruturação interna da cidade.

Com base nisso, o presente trabalho tem por objetivo contribuir para o entendimento sobre a temática em tela na Grande Vitória, tendo em vista responder às seguintes questões básicas que incitam o desenvolvimento da pesquisa: qual o significado da relação vigente entre a descentralização e os *shopping centers* no que diz respeito à distribuição espacial dos cinemas na Grande Vitória? Em que medida a relação entre a descentralização, os *shoppings* e os cinemas são indicativos, na referida cidade, da emergência de um novo perfil de estruturação interna da metrópole capitalista contemporânea? Qual o impacto da dinâmica espaço-temporal que articula esses elementos sobre o consumo e lazer associado à frequência de cinemas na cidade?

Para a consecução do objetivo enunciado o trabalho foi organizado em três partes principais, das quais a seguinte (II) será reservada à base teórico-metodológica; a subsequente (III) à análise da problemática no caso da Grande Vitória; antecedendo a exposição dos principais resultados e discussões nas considerações finais do texto (IV).

Antes do desenvolvimento do trabalho observou-se a necessidade de registrar uma advertência ainda em sua introdução. Trata-se de salientar que a análise que será desenvolvida irá se concentrar, sobretudo, na dimensão “funcional” da problemática em tela, privilegiando, por isso, a análise da dinâmica espaço-temporal da relação vigente entre a *descentralização*, os *shopping centers* e os cinemas na referida cidade. Essa orientação analítica não desconsidera, como será possível observar no debate teórico, o significado constitutivo dessa problemática no que diz respeito à dimensão social que lhe é inerente (notadamente a sua relação com a intensificação dos padrões de segregação e fragmentação socioespacial do espaço urbano). Contudo, foi observada a necessidade de restringir o escopo analítico precipuamente sobre a sua dimensão funcional tendo em vista que, sugere-se, através desse tipo de análise é possível apreender, em seu aspecto mais evidente, a contundência com a qual a descentralização impactou a organização espacial da metrópole capixaba, cujos

---

<sup>4</sup> Bairro que integra a *região administrativa V* da Praia do Canto (PMV).



fundamentos e repercussões não se esgotam, sem dúvida, na dimensão meramente funcional, porquanto tributários da lógica da produção e reprodução capitalista do espaço urbano, com toda a carga de contradições sociais e econômicas constitutivas dessa lógica.

## **II – DESCENTRALIZAÇÃO, *SHOPPING CENTER* E CINEMA NO ESPAÇO-URBANO: A BASE TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA.**

### ***2.1 - Descentralização, Shopping Center e Espaço Urbano.***

A descentralização constitui um processo espacial característico da moderna cidade capitalista que está, via de regra - embora não exclusivamente - associado o *shopping center*, enquanto uma *forma* específica através da qual o referido processo se manifesta. De acordo com Corrêa (2009), a relação intrínseca entre *processo* e *forma*, no contexto da moderna cidade capitalista deve ser considerada de modo indissociável à noção de *significado* e essa associação é de fundamental importância quando se considera especificamente os *shopping centers* (CORRÊA, 2013) porquanto estes equipamentos são profundamente marcados pelo conteúdo simbólico inerente à ideologia capitalista.

A descentralização constitui um processo complexo, que está articulado com atributos de natureza diversificada (tais como econômica, social, cultural, etc) e, por isso, é de fundamental importância destacar seu caráter *geográfico*. Nesse sentido a descentralização é considerada, no presente trabalho, antes de tudo, enquanto um *processo espacial*, que, em sua acepção mais geral, pode ser definido como,

[...] um conjunto de ações engendrado pelos diversos agentes sociais, corporações multifuncionais e multilocalizadas, proprietários fundiários, promotores imobiliários, entre outros, que viabilizam que certas ações se materializam em formas espaciais. (CORRÊA, 2009, p. 18).

A descentralização, por sua vez, encerra uma modalidade específica dos processos espaciais<sup>5</sup> característicos da moderna cidade capitalista. Segundo Corrêa (1989) a descentralização se manifesta quando existem ou são criadas “forças” de atração para atividades centrais em setores da cidade localizados fora da Área Central, tais como, por exemplo: terras ocupadas e baixos impostos; infraestrutura implantada com facilidade no transporte; possibilidade de controle do uso da terra entre outros. Além disso, o referido processo está igualmente associado a fatores de repulsão da Área Central, dentre os quais: o aumento constante do preço da terra, impostos e aluguéis; congestionamento e alto custo de transporte e comunicação; falta de espaço para expansão; e restrições legais. Dentre as formas

---

<sup>5</sup> Outros processos espaciais e suas respectivas formas são (i) centralização e Área Central; (ii) coesão e áreas especializadas; (iii) segregação e áreas sociais; etc. (CORRÊA, 1989)



através das quais o processo de descentralização das atividades de comércio e serviços varejistas se manifestam, destacam-se os “*núcleos secundários*”(CORRÊA, 1989; REIS, 2007). O papel fundamental cumprido pela descentralização e os núcleos secundários está diretamente associado à lógica da produção capitalista do espaço urbano, isto, pois, como atesta a passagem abaixo:

[...] descentralização e os núcleos secundários aparecem como uma medida das empresas visando eliminar as deseconomias geradas pela excessiva centralização da Área Central. De outro lado, resulta de uma menor rigidez locacional no âmbito da cidade, em razão do aparecimento de fatores de atração em áreas não-centrais (CORRÊA, 1989, p. 7).

O *shopping center*, em função da sincronia entre difusão espaço-temporal desse equipamento e o processo de descentralização no contexto da moderna cidade capitalista, pode ser considerado - como será visto mais adiante, como um *tipo* específico de núcleo secundário de comércio e serviços, equivalente aos subcentros comerciais de alcance regional e, nesse sentido, se insere como elemento regular estrutura urbana (REIS, 2007; CORRÊA, 1989).

O surgimento dos *shopping centers* remete à dinâmica de crescimento da cidade moderna nos EUA no período do pós-guerra, contexto no qual foram produzidos os primeiros estudos sobre o assunto (GOSS, 1993; CORRÊA, 2013). No artigo “*The ‘magic of the mall’: An analysis of Form, Function and Meaning in the Contemporary Retail Built Environment*” Goss (1993) evidencia como os *shopping centers* foram idealizados para maximizar a indução ao consumo. Para esse autor, os *shopping centers* podem ser interpretados como um “*pseudolocal*” na medida em que funcionam, fundamentalmente, por meio de estratégias espaciais de dissimulação e duplicidade. No que diz respeito à dimensão econômica Goss (1993) destaca que o lucro do incorporador do *shopping center* provém da construção e venda dos mesmos, bem como do aluguel e deduções de receitas das lojas. Os *shoppings* não dependem das economias de aglomeração urbana, pois eles próprios funcionam como uma “*internalização*” de externalidades - ou seja, abarcam uma ampla gama de funções de varejo e serviços por meio de uma combinação estratégica de inquilinos. Dentre estas funções figuram os complexos cinematográficos, como um elemento regular da estrutura interna desses equipamentos.

Corrêa (2013), por sua vez, expõe uma síntese teórica sobre a natureza dos *shopping centers* como um tipo particular de forma simbólica espacial, em consonância com a abordagem desenvolvida pela via da geografia cultural renovada. Como observa o autor, essa





abordagem está assentada nas múltiplas possibilidades de leituras que todo objeto empírico pode ser submetido. No caso da pesquisa geográfica, Corrêa (2013) destaca que os *shopping centers* são tratados por diversos subcampos da disciplina, sob diferentes ângulos de consideração que, entretanto, não são excludentes entre si, tais como, por exemplo, a abordagem característica na geografia econômica (focalizando a proveniência geográfica, frações do capital, estratégias locais, etc); ou na geografia urbana (considerando os padrões de localização na estrutura de comércio e serviços, o perfil dos clientes e efeitos dos *shoppings* na organização interna da cidade, etc); ou, ainda, através da abordagem cultural renovada em Geografia, que se desenvolveu a partir da década de 1980 (os *shopping centers* considerados como uma *forma simbólica espacial*, sob o prisma das representações e significados).

Os *shopping centers* suscitaram amplo interesse da pesquisa brasileira em geografia, através de publicações que também trataram o assunto sob diferentes ângulos (PINTAUDI, 1992; PINTAUDI; FRÚGOLI Jr. 1992; BIENENSTEIN, 1993; GAETA, 1992). Segundo Pintaudi (1987; 1992) o primeiro equipamento deste tipo no Brasil foi o *Shopping Center Iguatemi*, inaugurado na cidade de São Paulo em 1966, sendo que a expansão mais significativa desses equipamentos nas cidades brasileiras se verificou a partir da década de 1980. Ainda, segundo a autora, o *shopping center* pode ser definido como,

[...] um empreendimento imobiliário e comercial que ‘permite’ a reunião em um ou mais prédios contíguos, das mais variadas lojas de vendas e varejo, diferentes umas das outras não só pelos tipos de mercadorias que comercializam (ainda que a presença de várias lojas do mesmo tamanho possibilite a compra por comparação), como também pela sua natureza (lojas de departamentos, supermercados, ‘boutiques’, serviços, etc (PINTAUDI, 1987, p. 1).

Antes de trazermos à tona o cinema enquanto temática da pesquisa urbana em geografia e, mais especificamente, o modo com o qual o cinema será considerado em consonância com os objetivos do presente trabalho, observamos importante desenvolvermos uma apreciação mais panorâmica sobre o significado da descentralização tendo como foco, sobretudo, seus impactos sobre o perfil da centralidade intraurbana.

Para tanto, caberia lançar mão do trabalho de Reis (2007), para quem seria possível reconhecer duas fases distintas no que diz respeito aos efeitos da descentralização sobre a centralidade intraurbana da cidade capitalista, cuja inflexão teria se verificado no último quartel do século XX. De acordo com Reis (2007), num primeiro momento, que remete à gênese da descentralização do comércio e serviços varejistas na décadas de 1920 até meados



da década de 1970, o significado desse processo sobre o perfil da centralidade intraurbana estaria associado aos seguintes atributos básicos: (1) o surgimento de subcentros (núcleos secundários) submetidos à supremacia exclusiva do núcleo da Área Central (núcleo central de negócios) no ápice da hierarquia de centros intraurbana; (2) a ratificação do caráter dominante do núcleo da Área Central, na medida em que os núcleos secundários constituíam um meio para viabilizar a reprodução ampliada do capital do setor terciário através de uma rede de localidades centrais tributárias do núcleo da Área Central (CASTELLS, 1983 *apud* REIS, 2007). Na pesquisa urbana em Geografia a depuração teórica desse primeiro período se deu entre as décadas de 1930 e final da década de 1960, quando foram sistematizados uma gama significativa de modelos sobre a estrutura comercial da cidade, nos quais reiteradamente é registrada a supremacia do núcleo da Área Central sobre os demais tipos ideais que integram a centralidade intraurbana (dentre os quais Reis, 2007 destaca os modelos de elaborados por Proudfoot, em 1937; por Harris & Ullman, em 1945; Kelley, em 1955; de Berry, em 1968). O quadro e figura destacados abaixo ilustram, em parte, o perfil da centralidade intraurbana derivada do processo de descentralização nesse período<sup>6</sup>:

#### Quadro 1 - Hierarquia urbana e funções centrais

Estrutura intraurbana de comércio e serviços na cidade moderna (1920 – 1970)

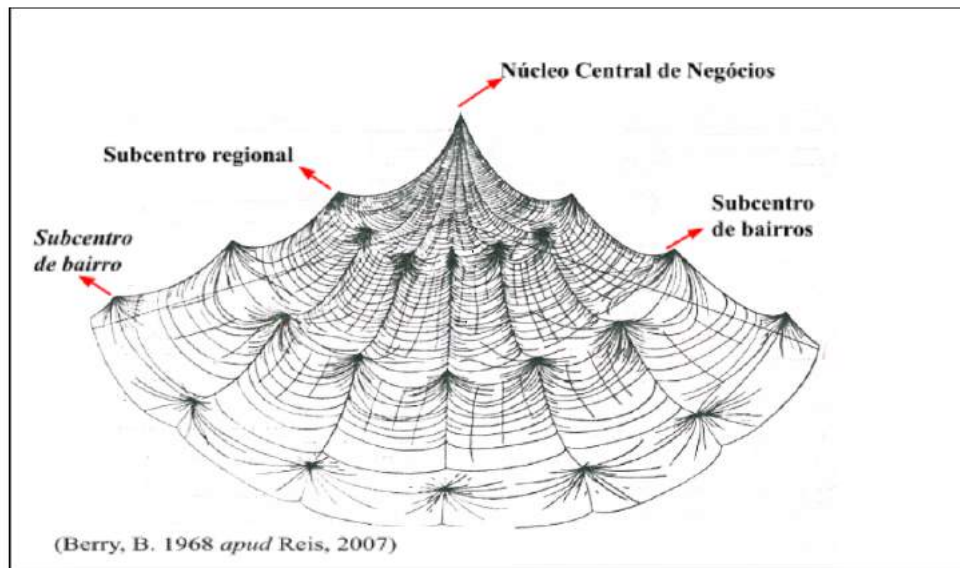
<b>Centros</b>	<b>Funções Centrais</b>
Núcleo Central de Negócios	abcd e fgh ijkl mnopqrst
Subcentro Regional	efgh ijkl mnopqrst
Subcentro de bairros	ijkl mnopqrst
Subcentro de bairro	mnopqrst
Lojas isoladas	qrst

(Corrêa, 1989; *apud* Reis, 2007)

<sup>6</sup> Registre-se que os *shopping centers* são assimilados, no debate teórico do período em tela (e nos modelos sobre a estrutura de comércio e serviços varejistas correlatos, enquanto núcleos secundários dotados de porte e magnitude equivalentes aos subcentros regionais.



**Figura 1 – Padrões dos valores do uso do solo urbano**



Por sua vez, ainda segundo Reis (2007), a literatura dedicada à temática permite reconhecer que, a partir do último quartel do século XX, a intensificação do processo de descentralização terá um impacto profundo sobre a dinâmica de estruturação interna da cidade, dentre os quais destaca-se uma notável transformação do perfil da centralidade intraurbana vigente até então. De acordo com Reis (2007), os traços gerais que caracterizam essa transformação estariam associados aos seguintes atributos: (1) intensificação dos efeitos descentralização na estrutura comercial da organização interna da cidade e de seu significado para a reprodução ampliada de determinadas frações do capital (de comércio/serviços varejistas e imobiliário); (2) emergência de estruturas de comércio e serviços dotadas de importância funcional equivalente ou superior ao núcleo central de negócios (Murphy *et. alli*, 2002); (3) redefinição da importância funcional (além de econômica-social) do núcleo da Área Central na estrutura comercial da cidade (“crise” da Área Central).

Em síntese, a intensificação que a descentralização conheceu no período indicado no parágrafo acima irá transformar o significado que, até então, esse processo possuía para a estruturação interna da cidade capitalista, subvertendo os parâmetros da inteligibilidade teórico-conceitual até então vigentes na pesquisa urbana sobre o assunto. Esse quadro irá suscitar uma ampla atualização conceitual sobre tema, que se efetivou pela revisão do sentido operacional e analítico de conceitos estabelecidos, bem como através da elaboração de novas formulações conceituais sobre a centralidade intraurbana. A depuração teórica sobre essa





problemática na pesquisa urbana em geografia começou a se delinear a partir das últimas duas décadas do século XX, visando sistematizar os elementos constitutivos do perfil da centralidade na metrópole contemporânea, constituindo um debate teórico sobre a *cidade-policêntrica* (“...*the policentricity discourse*” Murphy *et alli*, 2000 *apud* REIS, 2007). Assim como no período precedente, também foram elaborados modelos dedicados à apreensão dos elementos característicos da estrutura comercial da *cidade-policêntrica* contemporânea, como atesta, por exemplo, o modelo abaixo:

**Figura 3 – Modelo dos domínios urbanos na MetrÓpole-Policêntrica**



(Hartshorn & Müller, 1989 *apud* REIS, 2007).

Esse modelo gráfico aponta para as transformações profundas da estruturação interna da cidade capitalista contemporânea, que envolvem uma diversidade de elementos que permitem distinguir o papel absolutamente central que a intensificação do processo de descentralização assumiu para a constituição de um novo perfil da centralidade intraurbana. Para os propósitos estritos do presente trabalho, entretanto, o elemento-chave do modelo diz respeito, sobretudo, à emergência de setores suburbanos auto-suficientes, cada qual dotado de um núcleo central independente do núcleo da Área Central (HARTSHORN, 1991).



Com base no encaminhamento que foi imputado à exposição do debate teórico sobre a descentralização é possível depreender que, em grande medida, foram privilegiados determinados atributos, notadamente aqueles que dizem respeito à natureza funcional e econômica associadas à descentralização. Essa ênfase, contudo, não tem o propósito de preterir a relevância de outros atributos fundamentais para o entendimento do assunto, tais como, por exemplo, aqueles associados a sua dimensão social que permitiram ampliar o entendimento sobre o vínculo entre o referido processo com a segregação e fragmentação socioespacial do espaço urbano, bem como a dimensão ideológica e simbólica que lhes são inerentes. Não obstante essa ponderação, o encaminhamento que será desenvolvido reflete o escopo analítico restrito que o presente trabalho se propõe, a saber: investigar a descentralização através de uma análise sobre o vínculo desse processo com os *shopping centers* e os cinemas na Grande Vitória. É em razão desse direcionamento analítico que, ratifique-se, foi observada a necessidade de destacar determinados aspectos sobre o tema que, entretanto, não suplantam outros atributos de fundamental importância sobre o assunto. O mesmo se verifica em relação à qualificação dos cinemas, que será feita no próximo item, que serão submetidos a uma apresentação bastante sintética, limitada ao viés analítico proposto.

## **2.2 - Cinema e estabelecimentos geográficos na pesquisa urbana em Geografia.**

O interesse da Geografia sobre a os cinemas no espaço urbano suscitou publicações exclusivamente dedicadas ao tema, como atestam as contribuições de Souza (2019) e Wingler (2020), bem como a vasta bibliografia lhes dá suporte permite constatar.

Assim como no caso do *shopping center*, o cinema constitui uma fonte de interesse para a pesquisa urbana em Geografia sob diferentes aspectos. Uma distinção básica, que é de fundamental importância para o presente trabalho, diz respeito à distinção entre duas perspectivas básicas. De acordo com Souza (2004 *apud* WINGLER, 2020) uma perspectiva da pesquisa geográfica problematiza os cinemas enquanto meio de representação do espaço: essa via se dedica à análise do conteúdo geográfico dos filmes, concentrando suas análises sobre o modo com a qual o espaço é representado nas diversas modalidades de produções cinematográficas. Uma outra perspectiva considera o cinema enquanto um elemento do espaço geográfico: essa via se dedica à análise do cinema, basicamente, enquanto estabelecimentos que integram a estrutura de comércio e serviços varejistas, tendo como foco a apreensão de sua lógica de distribuição nas cidades. Como já foi indicado desde a introdução, é através dessa segunda perspectiva que o presente trabalho considera o cinema.



A bibliografia sobre o assunto é ampla, como revela a contribuição de Souza (2019). Seu trabalho desenvolveu uma pesquisa sobre o assunto no Rio de Janeiro, através de uma perspectiva diretamente convergente ao encaminhamento proposto no presente texto. Segundo o autor, as salas de cinema constituem um aparelho constitutivo do espaço urbano moderno e, por isso, podem ser analisadas sob a ótica da Geografia Urbana. No referido trabalho o autor distinguiu e analisou três períodos fundamentais da dinâmica espacial das salas de cinema no Rio de Janeiro, relacionando-a aos processos de centralização, descentralização e recentralização.

Wingler (2020), por sua vez, desenvolveu uma pesquisa nesse mesmo sentido, tendo como foco, embora não exclusivamente, a região metropolitana capixaba, buscando compreender a relação de ambientes de exibição cinematográfica com o espaço urbano no qual estão inseridos. Em seu trabalho o autor registra outro importante componente, característico em pesquisas sobre o tema, que também é relevante para o escopo analítico do presente texto, qual seja, considerar a(s) taxinomia(s) sobre os diferentes tipos de estabelecimentos que exibem os filmes, tais como, por exemplo: as salas de cinema (cinema de rua); salas de cinema não-comerciais; os *multiplex* (dentro de *shopping centers*); os complexos cinematográficos e, adicionalmente, os *cinemas universitários* (alocados dentro de *campus* universitários), que serviu diretamente como parâmetro para a operacionalização e análise desenvolvidas nos itens subsequentes do trabalho.

### **2.3 – Metodologia e operacionalização da pesquisa.**

Além da revisão teórica sobre os conceitos básicos, a pesquisa buscou fontes de informações que permitissem subsidiar a análise da relação entre os *shopping centers* e os cinemas na Grande Vitória, notadamente no período que permitisse apreender o significado do processo de descentralização sobre o perfil atual da estruturação interna desta cidade.

Para tanto, a contribuição de Lucas Wingler (2020) foi de fundamental importância, na medida em que sua pesquisa desenvolveu – ao que nos foi dado constatar até o momento – a mais ampla sistematização da história e da geografia dos cinemas no Espírito Santo. Com base nesta fonte foi possível extrair as informações necessárias à sistematização dos dados diretamente convergentes à problemática do presente trabalho: notadamente aqueles que permitem considerar a relação entre o processo de descentralização e os *shopping centers* na dinâmica de distribuição dos cinemas na Grande Vitória. Assim, foi possível elaborar uma tabela referente ao número de cinemas na área de estudo pesquisada, abarcando o período



entre o ano de 1985 até o presente, isto é, 2021. A partir de uma apreciação preliminar das informações, observou-se pertinente sistematizar a referida tabela através da segmentação do recorte temporal: o número de cinemas que estavam abertos no ano de 1985 e, a partir desse ano, o número de cinemas que foram abertos a cada dez anos subsequentes, ou seja, nos períodos entre 1986-1995; 1996 – 2005; 2006 – 2015 e, por fim, o período entre 2016 até o presente ano de 2021 (tabela 1).

**Tabela 1 – Número de Cinemas na Grande Vitória, por Município/bairro, no período entre 1985 - 2021**

Cinema	1985	1986	1986	1996	2006	2016	2021	Município/Bairro
		/	/	/	/	/		
		1995	1995	2005	2015	2021		
Cine Teatro Glória	1	1	1					Vitória/Área Central
Cine São Luiz	1	1	1	1	1			Vitória/Área Central
Cine Santa Cecília	1	1	1	1				Vitória/Área Central
Cine Paz	1	1	1					Vitória/Área Central
Cine Carmélia	1	1	1	1				Vitória/Área Central
Cineart Garoto		1	1	1				Vila Velha/Glória
Cines Vitória		3	3	3				Vitória/E. do Suá
Cine Metrópolis		1	1	1	1	1	1	Vitória/Goiabeiras
Cineart Shop. da Terra		1	1	1				Vila Velha/Centro
Cinerótico				1	1	1	1	Vitória/Área Central
Kinoplex Praia da Costa				7	7	7	7	Vila Velha/P.da Costa
Cine Jardins					2	2	2	Vitória/J. da Penha
Cinemark Vitória					8	8	8	Vitória/E. do Suá
Multiplex M, Álvaro					5	5	5	Serra/Eurico Salles
Cinemagic					4	4	4	Vitória/J. Camburi
Cinesystem Vila Velha					6	6	6	Vila Velha/J. Itaparica
Cinesercla Montserrat					5	5	5	Serra/C.de Laranjeiras
Cinépolis Moxuara					5	5	5	Cariacica/ São Francisco
Cinemark Vila Velha					8	8	8	Vila Velha/Divino ES
Salas C. L. M. Calixte					2	2	2	Vitória/Área Central
Cine Drive Vitória						1		Vitória/E. do Suá
Drive-in Estácio de Sá						1		Vitória/J. Camburi
Cine Drive-in SVV						1		Vila Velha/Divino ES

Fonte: Wingler (2020) organizado pelos autores.

O recorte temporal adotado, bem como a respectiva segmentação de períodos internos, se justifica na medida em que permite apreender, por um lado, um registro do período que poderia ser considerado como sendo o “auge” do núcleo da Área Central na Grande Vitória, a



saber, a década de 1980 - que antecedeu o período a partir do qual os efeitos mais contundentes do processo de descentralização. Além disso, por outro lado, a segmentação interna do recorte temporal, permitiu acompanhar, desde meados da década de 1980, basicamente as quatro décadas seguintes, nas quais se manifestam os principais efeitos do processo de descentralização no que diz respeito à relação entre os *shopping centers* e a distribuição dos cinemas na Grande Vitória, como poderá ser visto no próximo item.

### **III – DESCENTRALIZAÇÃO, *SHOPPING CENTER* E CINEMA NA GRANDE VITÓRIA (ES): UM ESFORÇO DE ANÁLISE.**

Como será possível constatar, no recorte temporal privilegiado para a análise, a saber, entre meados da década de 1980 até o presente, a relação entre o processo de descentralização e o surgimento de *shopping centers* na Grande Vitória provocou uma transformação acachapante na distribuição dos cinemas.

Com efeito, salta aos olhos observar que, se em meados da década de 1980, mais especificamente no ano de 1985, a Área Central concentrava a integralidade dos cinemas na área de estudo da, então, aglomeração urbana da Grande Vitória, a partir do início da década seguinte deflagra-se um processo paulatino que, como será observado, torna-se vertiginoso nas décadas subsequentes, a ponto de subverter lógica da distribuição espacial dos cinemas na Grande Vitória: à medida em que os principais cinemas da cidade, alocados na Área Central, foram sucessivamente encerrando suas atividades - restando, tão somente, salas de funcionamento irregular e à margem do circuito do cinema comercial - verificou-se um crescimento notável do número de *shopping centers* na Grande Vitória, para o interior dos quais estão alocados a esmagadora maioria dos cinemas na cidade.

Tendo como base a concentração dos cinemas na Área Central no ano de 1985 (tabela 1) foi possível elaborar 5 mapas da distribuição dos cinemas na Grande Vitória nos seguintes períodos: (i) 1986 – 1995; (ii) 1996 – 2005; (iii) 2006 – 2015; (iv) 2016 – 2021 e, por fim, (v) no ano de 2021. A sistematização desses recortes temporais permitiu acompanhar a variação espaço-temporal dos cinemas desde meados da década de 1980 até a configuração atual, em 2021.

Em razão da necessidade de desenvolver uma análise sintética foi preciso eleger uma quantidade limitada de mapas para análise, restringindo a exposição aos mapas que permitissem apreender o essencial da problemática investigada. Para tanto serão destacados os





mapas da distribuição dos cinemas no período 1986 – 1995; e o mapa que apresenta a distribuição atual dos cinemas, em 2021.

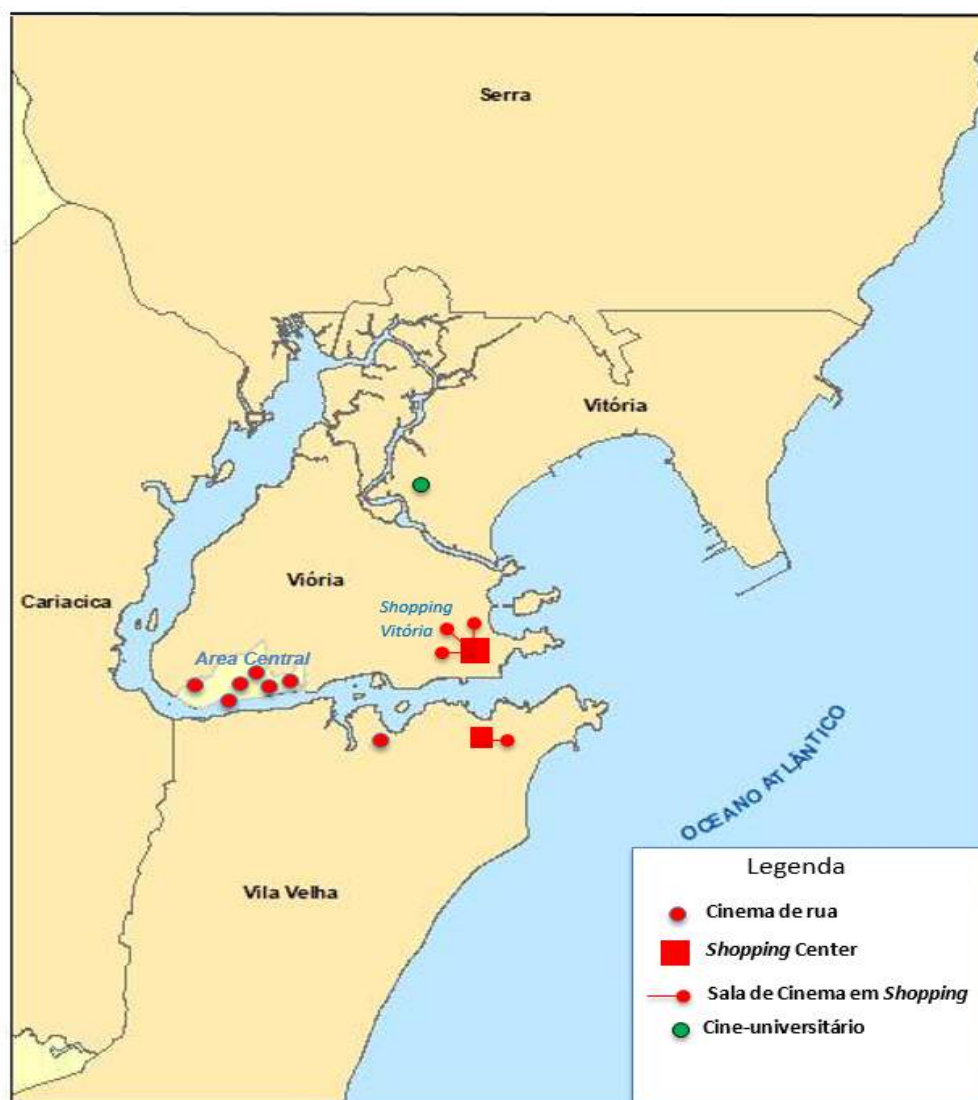
Desse modo, se com base na tabela 1 é possível constatar a concentração dos cinemas na Área Central da capital capixaba que se verificava em 1985, quando observamos o mapa 1, referente à distribuição dos cinemas nos 10 anos ulteriores, já é possível constatar os primeiros efeitos do processo de descentralização na distribuição dos cinemas associado ao surgimento dos *shopping centers* na Grande Vitória. Isto, pois, no referido período (mapa 1), para além dos 5 cinemas de rua na Área Central da capital, surgem, com a inauguração do *Shopping Vitória*, na “zona norte” da cidade, três salas de cinemas em julho 1994: os *Cines Vitória*, primeiro complexo de cinemas *multiplex* alocados no interior de um *shopping center* de grande porte da cidade. A inauguração desses cinemas, em meados dos anos 1990, pode ser considerada tanto um marco como um prenúncio, então ainda discreto, do padrão que a distribuição dos cinemas irá assumir nas décadas seguintes, como será constatado no que segue.

Além dos cinemas do *Shopping Vitória* foi inaugurado - também na “zona norte” da parte continental da capital - o *Cine Metrópolis*. Trata-se, neste caso, de um cinema peculiar, localizado no *Campus* da Universidade Federal do Espírito Santo e, como registrou Wingler (2020), o perfil de seu funcionamento está diretamente atrelado à vida acadêmica do *campus*, tendo como foco a exibição de filmes alternativos ao cinema comercial, além de abrigar mostras e festivais de cinema - distinguindo-se, nesse sentido, sobretudo quanto ao perfil dos filmes que exhibe, dos cinemas de rua que funcionavam na Área Central. Em razão desse perfil Wingler (2020) aplicou uma “categorização” específica para ele, que reproduzimos no presente trabalho, qual seja, trata-se de um *cine-universitário*.

Como o mapa 1 evidencia, além desses novos cinemas inaugurados fora da Área Central na capital capixaba, o período em tela também conheceu a inauguração de dois cinemas no Município de Vila Velha: o *Cineart Shopping da Terra* e o *Cineart Garoto*. Este último, um cinema de rua, patrocinado pela empresa *Chocolates Garoto*, foi inaugurado na década de 1990 e, após um período relativamente curto de funcionamento (se comparado à longevidade dos principais cinemas da Área Central de Vitória) encerrou suas atividades. O *Cineart Shopping da Terra* foi inaugurado em 1995 e encerrou suas atividades em meados da década seguinte. Sobre esse cinema é importante fazer duas considerações: por um lado não se trata, de fato, de um cinema de rua. Contudo o “*Shopping da Terra*” constitui um *centro*

*comercial planejado* de pequeno porte: nesse sentido, embora não se trate de um cinema de rua e, assim, possa ser considerado um *cinema “de shopping”* ele não possui a mesma natureza e, tampouco, integrou a mesma dinâmica que, nas décadas seguintes, irá caracterizar a relação entre o processo de descentralização, os *shoppings* e os cinemas na Grande Vitória. O dado mais contundente nesse sentido se revela no período relativamente curto que permaneceu com funcionamento regular; enquanto, por sua vez, como será visto no que segue, no caso do *Shopping Vitória* os cinemas não somente permaneceram em funcionamento até o presente, como o seu complexo de cinemas multiplex foi significativamente ampliado.

**Mapa 1 – Distribuição dos Cinemas na Grande Vitória  
(1986 – 1995)**



Antes de conduzirmos a análise do mapa 2, sobre a distribuição atual dos cinemas na Grande Vitória em 2021, caberia registrar que, de modo bastante sumário, o mapa referente ao



período 1996 – 2005 revelaria, precipuamente, o que pode ser considerado como o “período de inflexão” no que diz respeito à relação entre a descentralização, *shoppings* e cinemas na Grande Vitória. O sentido de se adjetivar o período em tela como sendo de “inflexão” é pertinente na medida em que será ao longo desses dez anos que a tendência - prenunciada com a inauguração dos cinemas multiplex no *Shopping Vitória* - irá se constituir como a tendência prevalente, a partir de então, na “geografia dos cinemas” na Grande Vitória, qual seja a tendência: a inauguração sucessiva de cinemas em *shopping centers* que se verificou paralelamente ao paulatino fechamento ou “declínio” do perfil dos cinemas localizados na Área Central. Por sua vez, se o período entre 1996 - 2005 pode ser qualificado como de “inflexão”, no qual a Área Central perde sua primazia em relação a essas atividades, as duas décadas e meia subsequentes podem ser qualificadas como sendo de intensificação e consolidação dessa tendência, o que conduziu à configuração atual da distribuição dos cinemas na cidade (mapa 2).

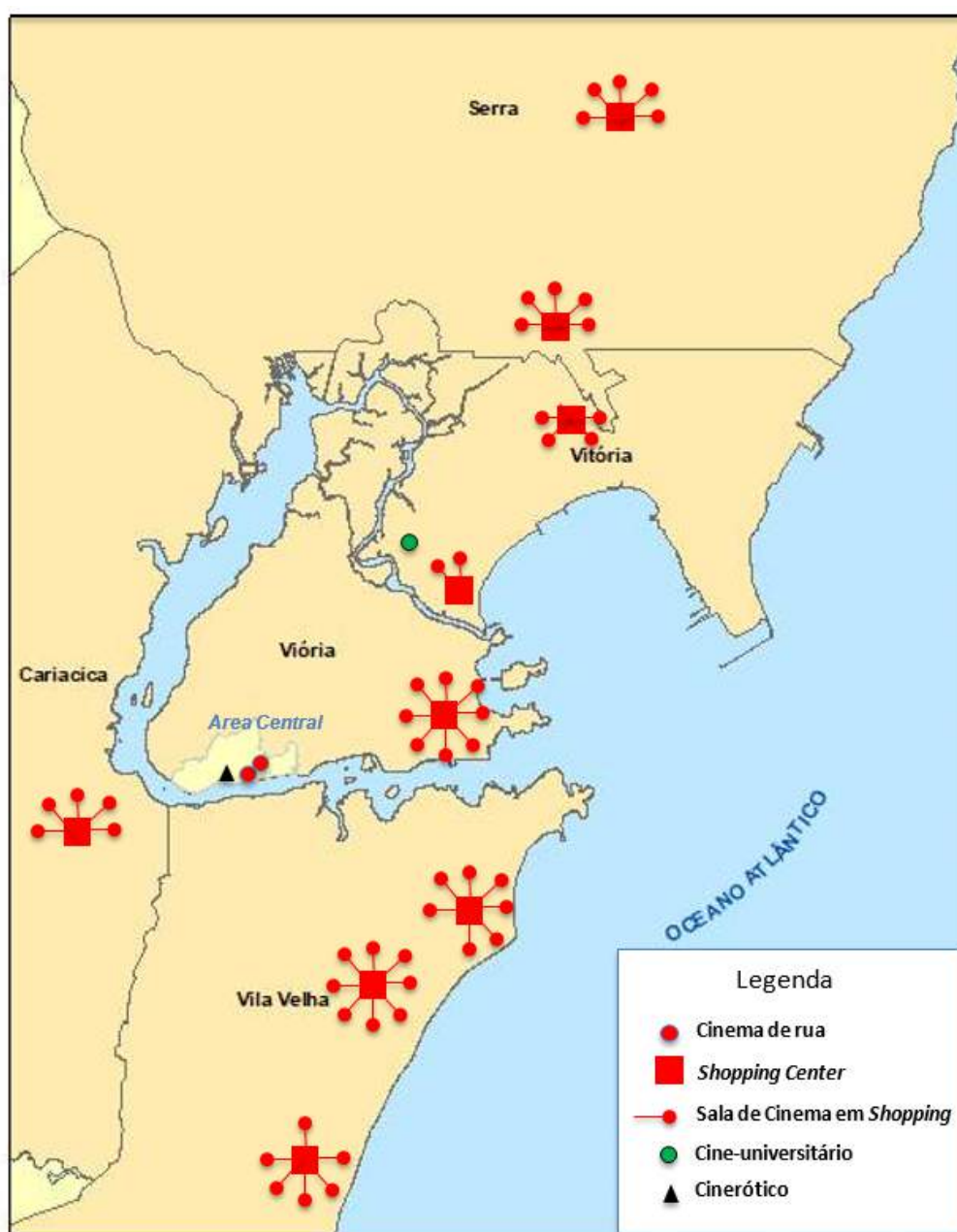
Como o mapa a seguir revela, a relação entre a descentralização, *shoppings* e cinemas subverteu, radicalmente, o perfil da distribuição dos cinemas observados em meados da década de 1980, quando os cinemas estavam concentrados na Área Central. Isto, pois, em 2021 a maioria praticamente absoluta dos cinemas estão “confinados” ao interior dos *shopping centers*, em função de uma sequência notável de inaugurações de equipamentos deste tipo na cidade. E, além disso, quando se considera o perfil dos cinemas que permanecem ativos na Área Central o que constata é que, além da perda da primazia, ela efetivamente assistiu ao encerramento das atividades características dos cinemas comerciais.

O quê, a princípio, salta aos olhos de modo mais imediato no mapa 2 é a notável “proliferação” dos cinemas em *shoppings* na Grande Vitória. Em certa medida, a descrição minuciosa sobre a sequência de inauguração de complexos de cinemas multiplex em cada *shopping center* acaba assumindo um significado secundário para a análise, pois, de fato, o que se impõe de maneira substantiva é a constatação de que os cinemas se tornaram, ao fim e ao cabo, um componente do espaço urbano praticamente restrita ao interior dos *shopping centers*, cujo padrão de localização está diretamente associado ao processo de descentralização. Para além do patente contraste numérico entre o número de cinemas remanescentes na Área Central, em contraposição ao crescimento vertiginoso do número de cinemas de *shopping centers*, quando se considera o perfil dos três cinemas que ainda funcionam no Área Central, ratifica-se, de modo ainda mais patente esse contraste. Trata-se,



por um lado, de um *cinerótico* cujo funcionamento está associado ao perfil funcional da zona periférica da Área Central, característico de cidades portuárias, nas quais é regular a existência de setor de prostituição. Por outro lado, as duas outras salas de cinemas, a saber, a sala Cariê Lindenberg e a sala Marien Calixte, por sua vez, como registrou Wingler (2020), não integram o circuito de cinema comercial, seu funcionamento estando vinculado a um projeto do Centro Cultural SESC Glória dedicado a mostras de cinema, cursos de formação na área e projetos educacionais.

**Mapa 2 – Distribuição dos Cinemas na Grande Vitória em 2021**







Diametralmente oposto ao quadro descrito acima sobre os cinemas na Área Central, os *shopping centers* assumiram o protagonismo no que concerne ao consumo e lazer associados aos cinemas comerciais na Grande Vitória. Associado à dinâmica do processo de descentralização houve uma significativa multiplicação do número de cinemas em complexos multiplex nos diversos *shopping centers* que foram inaugurados na Grande Vitória: no caso da capital, o primeiro complexo multiplex que foi inaugurado em 1994 com apenas 3 salas de cinema foi ampliado, em 2007, para um complexo com 8 cinemas; e, ainda na capital, foram inaugurados 4 cinemas do tipo multiplex em 2013 no *Shopping Norte-Sul*; além de 2 cinemas no *centro comercial Shopping Jardins* em 2006; em Vila Velha, a inauguração de três *shopping centers* dispôs 22 salas de cinemas inauguradas, respectivamente: 7 salas no multiplex do *Shopping Praia da Costa*, em 2003; 6 salas no multiplex do *Shopping Boulevard* em 2013; e 8 salas no multiplex do *Shopping Vila Velha* em 2015; no município da Serra foram inaugurados 5 salas no multiplex do *Shopping Mestre Álvaro* em 2012; e mais 5 salas no *Shopping Montserrat* em 2014; por fim, em Cariacica 5 salas multiplex no *Shopping Moxuara* em 2014. O conteúdo exposto nestes dois parágrafos corresponde à distribuição dos cinemas na área de estudo atualmente, resultante dos elementos fundamentais relativos à relação entre essa atividade, a descentralização e os *shopping centers* na Grande Vitória<sup>7</sup>.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais resultados e discussões da pesquisa desenvolvida podem ser apresentados, de modo sumário, à guisa de considerações finais. Com efeito, a análise do significado do processo de descentralização na Grande Vitória, tendo como foco a relação entre a lógica de distribuição dos cinemas e os *shopping centers*, tendo como foco da análise o recorte temporal entre meados da década de 1980 até o presente (1985 – 2021), permitiu apreender, de forma patente, a prevalência de um perfil de estrutura interna da cidade capitalista típica de uma *metrópole-policêntrica*. O período e o processo espacial pesquisados revelaram, através da análise da dinâmica de uma atividade específica, isto é, dos cinemas, a transição, entre, por um lado, uma estrutura interna da cidade tributária de uma hierarquia intraurbana marcada pela primazia do núcleo da Área Central e; por outro lado, a emergência e consolidação de uma estrutura interna que subverte, radicalmente, essa hierarquia - o que

---

<sup>7</sup> A abertura de cine-drives (tabela 1) não foi trazida à tona na medida em que, por um lado, não integram os mapas que foram privilegiados na análise; mas, sobretudo, pelo caráter fortuito que desempenharam na estrutura de distribuição dos cinemas na área estudada, estando seu funcionamento diretamente associado e limitado ao período de restrições da pandemia da Covid - 19.





constitui um traço *típico* da *metrópole-policêntrica* contemporânea, conforme significado estrito de noção considerado na base teórica.

Nesse contexto, no caso da Grande Vitória, os cinemas deixaram de constituir uma experiência de consumo e lazer característicos das ruas da cidade e foram, paulatinamente, catalisados em sua lógica de distribuição para o interior dos *shopping centers* – carregando, consigo toda a carga de contradições que envolvem a lógica de acumulação e reprodução ampliada do capital nas frações mais diretamente implicadas no processo investigado (notadamente as frações do capital imobiliário e do comércio e serviços intrínsecos à produção dos *shopping centers*). Na Grande Vitória o acesso aos Cinemas se tornou – praticamente à sua integralidade - uma experiência confinada ao interior dos Shopping Centers.

## REFERÊNCIAS

BIENENSTEIN, G. **A acumulação de capital e espaço urbano: o exemplo do shopping.** (dissertação). UFRJ, 1993.

CORRÊA, Roberto Lobato et al. **O espaço urbano.** São Paulo: editora Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **Processo, Forma e significado uma breve consideração.** Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2009.

\_\_\_\_\_. Formas simbólicas espaciais: o shopping center. In: Rosendahl; Z.; Corrêa, R. L. (orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia. Volume II.** Rio de Janeiro: Editora Eduerj, 2013.

GAETA, A. C. Gerenciamento dos shopping centers e transformações do espaço urbano. In: Pintaudi, S. M.; Frúgoli Jr. (orgs). **Shopping Centers. Espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras.** São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

GOSS, Jon. The “magic of the mall”: an analysis of form, function, and meaning in the contemporary retail built environment. **Annals of the association of American geographers**, v. 83, n. 1, p. 18-47, 1993.

PINTAUDI, S. M.; FRÚGOLI, Jr. (orgs). **Shopping Centers. Espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras.** São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

PINTAUDI, Silvana Maria. OS *SHOPPING-CENTERS* BRASILEIROS E O PROCESSO DE VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 65, p. 29-48, 1987.



REIS, Luis Carlos Tosta. **Descentralização e Desdobramento do Núcleo Central de Negócios na Cidade Capitalista: Estudo comparativo entre Campo Grande e Praia do Canto, Grande Vitória-ES**. Tese de Doutorado-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Geografia, Rio de Janeiro. 2007.

\_\_\_\_\_. Descentralização e desdobramento do núcleo central de negócios em Vitória (ES). **Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional**. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, p. 177-198, 2009.

SOUZA, R. G. **Salas de Cinema no Rio de Janeiro: 1896 – 1995**. Tese de Doutorado-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Geografia, Rio de Janeiro. 2019.

WINGLER, Lucas Barata. **Modernidade, estabelecimentos cinematográficos e dinâmica da centralidade intraurbana: relações e processos na constituição do espaço urbano de Vitória**. 2021. Dissertação de Mestrado. Mestre em Geografia. Universidade Federal do Espírito Santo, 2020.